

TRANSEXUALIDADE E TEORIA *QUEER* A PARTIR DA VONTADE DE SABER EM MICHEL FOUCAULT

VALTER PAVELOSKI GARCIA

1.Introdução: Sexualidade e poder em Foucault

O tema da sexualidade para Michel Foucault, 1975, está voltado a uma análise e definição do processo de construção da identidade sexual no modo como as ciências humanas à constituem. Ora, tendo em vista tal jornada, é que lançaremos mão do pensamento de Michel Foucault, do seu olhar filosófico e, sobretudo crítico, sobre a constituição do discurso da sexualidade humana.

A partir da análise do primeiro volume da História da Sexualidade, “*A Vontade de Saber*”, percebemos o que se inscreve, se relata, se diz, e também, o que nos é velado e proibido, quando o assunto é o sexo em seu discurso e enunciado. Segundo Foucault, o florescer histórico do século XIX é marcado pela análise do que se formula sobre o discurso do sexo, pelo seu recrutamento e controle.

Ao pontuar e identificar esse século como momento precursor do encerramento da sexualidade, não significa que Foucault quer nos evidenciar somente a gênese, uma origem ou um nascimento de onde e quando começavam as investidas no campo da sexualidade. Pelo contrário, Foucault investiga o que subjaz ao modo como foram elaborados os discursos de como conhecemos e vivemos a sexualidade. Para isso, é necessário que se analise a base, o solo, o terreno, a possibilidade para o conhecimento. O sexo, nesse sentido, é visto a partir das relações de poder e da discursividade, que constituirão o que se chama de sexualidade.

Assim, nos deteremos em investigar essa teoria da sexualidade, seus discursos, suas modalidades e seu campo de ação. Trata-se de ver que a história da

sexualidade pode ser contada e investigada para além dos mecanismos de repressão sexual.⁷

Se Freud e Reich elaboram uma teoria da sexualidade a partir da idéia de repressão, ou seja, por aquilo que foi calado sobre o sexo e o desejo, Foucault aborda o que foi dito, ou melhor, o modo como o sexo foi colocado a falar através dos mecanismos de confissão.

2. Sobre a vontade de saber e a incitação discursiva

A vontade de saber inaugura o projeto anunciado por Michel Foucault sobre a sexualidade. Neste primeiro volume podemos perceber de modo mais amplo, os elementos e as questões suscitadas pelo filósofo, que de modo bastante peculiar nos apresenta o panorama no qual suas idéias críticas estão inseridas, e em qual direção poderão ser desenvolvidas.

Foucault nos convida e nos introduz a uma maneira distinta de se pensar a sexualidade, a saber, no percurso e contexto histórico, seja da proliferação ou da repressão dos discursos – além de pensá-la na sua relação, um tanto desconhecida para nós, com o poder. Assim, ao analisar a sexualidade, enquanto objeto histórico, Foucault percebe e pontua, que junto a esta dita sexualidade estão inseridas relações de poder, ou melhor se podemos nos expressar de modo diferente; se existe o discurso da sexualidade, e por conseguinte um arranjo de suas práticas é porque elas foram possibilitadas e construídas, pelas relações desiguais do poder, sobretudo no âmbito das ciências humanas.

Assim, é a partir da vontade do saber que trataremos da sexualidade enquanto discurso, enunciado e aceito no modo em que se encontra subjugada às relações de poder que possibilitaram, contudo, a constituição de um saber sobre o sexo. Quando Foucault nos alerta veementemente da relação entre poder e saber, parece que sua pretensão está em nos pôr a desconfiar do conhecimento dito padrão e legítimo, ou seja, que o conhecimento e, sobretudo o conhecimento vinculado ao

⁷ Cfe. FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. V. I. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

contexto social e político no qual se encontra inserido, é fruto das relações nas quais o sujeito se submete a uma elaboração discursiva. Esse processo é denominado de subjetivação.

Para Foucault, a genealogia nos evidencia que o conteúdo dos saberes aos quais temos acesso está atravessado por tendências e influências que legitimam os preconceitos de uma sociedade. A ciência moderna como status que atribuímos a ela de soberana, é formulada e financiada pelos que estão no poder, e estes, por sua vez, moldam nossos interesses e necessidades. O que Foucault quer nos dizer em sua genealogia do poder é que não há saber sem um conjunto de regras e limitações que caracterizam o discurso de um período histórico. Dessa maneira, este filósofo destrona a verdade científica de seu pedestal imaculado, e o concebe como um embate entre opiniões e critérios que terminam num consenso. Este consenso varia de tempo em tempo, e tem incrível capacidade de afirmar o que somos, domar nossos ímpetos e doutrinas, nosso comportamento.

Para Foucault, os ínfimos desvios, quando suscitados na discursividade, acabam por reafirmar a hipótese de que a sexualidade que conhecemos hoje enquanto ciência, é muito mais oriunda das diferenças produzidas pelos mecanismos da palavra, do que por aquilo que foi reprimido. A esse processo, Foucault denomina incitação subversiva.

Assim, pode-se notar o sentido histórico, que significa estudar e aceitar a história, com suas múltiplas nuances, com seus altos e baixos, mas compreender que o percurso histórico é feito de acontecimentos e descaminhos em meio a contradições e equívocos. Em Foucault, é inevitável uma tentativa de encadear de modo mais simples, costurar esses conceitos, sobretudo através da palavra sobre si exigida e reafirmada.

A sexualidade é um dispositivo que está ligado à estratégia de relação de forças localizáveis nos saberes médicos, psicológicos, pedagógicos, em todos aqueles saberes que, ao visarem o que é mesmo o indivíduo, acabam tendo efeito, no sentido de discipliná-lo, corrigi-lo, normaliza-lo, encaixa-lo, em uma situação. O dispositivo da sexualidade apareceu em meados do século XVIII. Então não havia

sexualidade e nem sexo? Havia relações sexuais e prazeres em torno dos quais não era preciso construir todo um discurso médico – científico, produtor de verdade. Houve dispositivo para isolar o sexo e também para suscitá-lo, como confissão.

Pensar que sexo é reprimido de uma junção jurídica de poder, de que o poder exerce segundo um direito fundamental que regula e limita a liberdade. Ora o poder não se localiza no topo da organização social, em suas instituições mais notórias: ele esta presente na menor das relações sociais – não fora delas, em seu exterior, mas dentro delas. Por isso é um tipo de poder diverso do que se estabelece em relação de dominação. Quando o sexo está sob a lei, pensa no poder como jurídico, apesar de ter percebido uma constituição do sujeito sob a lei do desejo, em busca de uma identidade segundo Foucault. .

No discurso, o sujeito não é aquele que pensa e fala; é aquele que não tem relação permanente consigo, não tem um “consigo mesmo” contínuo. Foucault evita recorrer a um sujeito transcendental e também a um sujeito psicológico. O sujeito não é o dono do discurso e por isso, nesse nível, não importa quem é o autor da formulação, mas se alguém enunciou algo, ele só pode fazê-lo mediante condições estritas que aparecem no regime regulador dos enunciados de uma época (ARAUJO, 2008, p. 55)

Encontramos em *A vontade de Saber* os primeiros passos para uma análise do processo de formulação discursiva da sexualidade, enquanto objeto histórico e evidentemente em objeto distinto, do que já se havia produzido sob a ótica da repressão. A sexualidade se apresenta, portanto, em termos discursivos, ou seja, ela é constituída por uma rede de elementos e um conjunto de funções que determinam e condicionam os indivíduos em um dado momento histórico, a partir de um jogo de interesses e estratégias.

Talvez num primeiro instante o dispositivo soe para nós como mais um mecanismo reprodutor da repressão, por atuar numa sociedade através de um sistema coercitivo; nesse sentido, toda crítica foucaultiana, pontuada na objeção da análise do sexo sob a égide de repressão seria incoerente. Porém, o que ele nos sinaliza é que o dispositivo pode até se caracterizar como uma estrutura da vontade

que passa por uma estrutura repressora, mas que essa estrutura aconteça é necessário que do sexo se fale, se anuncie. Em última instância é necessário que ele se promova pois é a partir do que é extraído de nossas afirmações mais íntimas que, para Foucault, a sexualidade se ergue enquanto discurso científico, e sobretudo enquanto dispositivo que se constitui e se expande a partir do que é dito, incitado de dizer, e não a partir da proibição que gera o silêncio. Toda extorsão é válida e todo discurso detalhado é bem-vindo para que a sexualidade moderna seja situada e formulada em termos de dispositivo.

3. O corpo e as relações de poder

Como sempre, nas relações de poder, nos deparamos com fenômenos complexos que não obedecem à forma hegeliana da dialética.⁸ O domínio e a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o podem exercer sobre o corpo sadio. Mas a partir do momento em que o poder produz este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde, contra a economia, o fazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. Assim, o poder passa a ser aquilo pelo qual o corpo é atacado. O poder penetrou no corpo. Na realidade, a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares. A batalha continua como o desenvolvimento estratégico normal de uma luta.

Foucault toma um exemplo preciso: o do autoerotismo. Os controles da masturbação praticamente só começaram na Europa durante o século XVIII.

⁸ Para Hegel, filósofo do século XIX, as relações de poder se davam como necessidade do próprio desenvolvimento histórico do Absoluto que, em si, reconciliava as contradições geradas pelos conflitos. De acordo com Foucault, ao contrário, não necessariamente essas relações se dão na ordem da reconciliação, suprimindo as singularidades.

Repetidamente, surge um pânico: os jovens se masturbam. Em nome deste medo foi instaurado sobre o corpo das crianças – através das famílias, mas sem que elas fossem a sua origem – um controle, uma vigilância, uma objetivação da sexualidade com uma perseguição dos corpos. Mas a sexualidade, tornando-se assim um objeto de preocupação e de análise, como alvo de vigilância e de controle, produzida ao mesmo tempo a intensificação dos desejos de cada um por seu próprio corpo.⁹

O corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre as crianças e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contrafeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica percebida na ideologia da erotização, constatada desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos. Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle de repressão, mas de controle-estimulação: “Fique nu, mas seja magro, bonito bronzeado”.

A cada movimento de um dos dois adversários correspondem o movimento do outro, ou seja, o olhar do outro sobre nós vai nos moldando. E depois dos anos sessenta, percebeu-se que este poder tão rígido não era assim tão indispensável quanto, se acreditava, que as sociedades industriais podiam se contentar com um poder muito mais tênue sobre o corpo. Descobriu-se, desde então, que os controles da sexualidade podiam se atenuar e tomar outras formas. (FOUCAULT, 2012, pp. 146-147).

Como se explica que em uma sociedade como a nossa, a sexualidade não seja simplesmente aquilo que permita a reprodução da espécie, da família dos indivíduos? Não seja simplesmente alguma coisa que dê prazer e gozo? Como é possível que ela tenha sido considerada como lugar privilegiado em que nossa verdade profunda é lida, é dita? Pois o essencial é que, a partir do cristianismo, o ocidente não parou de dizer: “Para saber quem és, conheças teu sexo”. Assim, Foucault demonstra que o sexo sempre foi núcleo onde se aloja, justamente com o devir de nossa espécie, nossa verdade de sujeito humano.

A confissão, e o exame de consciência, toda uma existência sobre os segredos e a importância da carne não foram somente um meio de proibir o sexo ou de afastá-lo mais possível da consciência; foi uma forma de colocar a sexualidade no centro da existência e de ligar a salvação ao domínio de seus movimentos

⁹ Cfe. FOUCAULT, 2001, *op. cit.* p. 45.

obscuros. O sexo foi aquilo que, nas sociedades cristãs, era preciso examinar, vigiar, confessar, transformar em discurso, mas quero enfatizar duas coisas importantes. Primeiro que o esclarecimento a “iluminação” da sexualidade não foi feita só nos discursos mas também na realidade das instituições e das práticas. (FOUCAULT, 2012, p. 229.)

O discurso da sexualidade não se aplicou inicialmente a sexo, mas ao corpo, aos órgãos sexuais, aos prazeres, às relações de aliança, às relações inter-individuais, etc. Um conjunto homogêneo que estava recoberto pelo dispositivo de sexualidade que produziu, em determinado momento, como elemento essencial de seu próprio discurso e talvez de seu próprio funcionalismo, a idéia de sexo.

A cultura contemporânea cria vários dispositivos para a correção e transformação do corpo, como uma imensa empresa de normalização, viabiliza a mudança de hábitos e estilos de vida para parâmetros considerados normais e saudáveis, e investe nos instrumentos nos desempenhos corporais sob a aposta da constituição da subjetividades reguladas, esboçando de outro lado, uma repulsa cada vez maior sobre aqueles que ousam experimentar a corporalidade fora das medidas regulamentadas pelo poder disciplinar.

O corpo não escapa à história, e nem se constitui apenas em decorrência da lei fisiológica, cria resistência em relação a injunções biológicas, culturais ou políticas que definem medidas normais. Em sua materialização há os resquícios de inúmeras alterações cotidianas e as marcas corporais, servem como objeto para verificar a luta que se trava pelo seu domínio. (ARAUJO, 2008, p.105).

Durante tanto tempo, anunciou-se o sexo sempre relacionado ao pecado, e ainda seria preciso ver de que maneira se fez essa associação e evitar dizer de forma global e precipitada que sexo era “condenado”, mas seria também preciso nos perguntar por que hoje dia nos culpamos tanto por ter feito dele um pecado.

Atualmente, afirmar essa repressão é porque ela é historicamente evidente, é porque a repressão esta profundamente firmada, pois possui razões e raízes sólidas que pesam sobre o sexo de maneira tão rigorosa. Todos esses elementos negativos, proibições, recusas, censuras, negações --- que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem duvida, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão ligadas na produção discursiva, que também

organizam silêncios gerando erros ou desconhecimentos sistemáticos na história da sexualidade humana; a colocação do sexo em discurso é uma crescente incitação nas técnicas de poder exercidos sobre o sexo não obedeceram a um princípio de seleção rigorosa mas, ao contrário de disseminação e implantação da sexualidades polimorfos e que a vontade de saber não se de tem.

4. Confissão e relação de si para consigo

Para compreender as inflexões do poder sobre os corpos dos indivíduos é necessário ter em conta que os mecanismos de exame e confissão produzem a subjetivação e, por consequência, o poder. Assim, não se trata, pela confissão e o exame de si à luz das ciências, apenas de um dobrar-se sobre o eu objetivado, afirmando a própria identidade, mas de uma busca de transformação de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita em que se abre a possibilidade do devir, de outro do que se é.

Desvendando a dimensão do poder que atravessa a prática da confissão, Foucault mostra que esta caracteriza um tipo de narrativa de si e de relação com a verdade que visa purificar o eu não pela revelação da mais profunda interioridade, mas no contexto de uma ética voltada para um cuidado a si próprio, na forma de recusa a subjetividade construída pelas relações de poder.

Mais do que isso, o “mecanismo da confissão” supõe um indivíduo culpado, pecador, que deve desconfiar de si mesmo e identificar os erros e desvios de caráter, sobretudo em seu comportamento sexual, tendo em vista a correção, isto é, a adequação à normas instituídas e ao regime de verdade predominante

5. Sexualidade e transexualidade à luz da teoria queer

Segundo o movimento de exame próprio desejo, há que se investigar o que leva essas pessoas a transformarem seus corpos e construir novos modos de relação com as pessoas, com o mundo e consigo mesmo.

Essa temática ganha relevância dentro da saúde coletiva e da atenção psicossocial. Embora não tenhamos dados científicos suficientes, a comunidade trans esbarra na ausência diante de programas de saúde voltados para suas necessidades específicas. Tal ausência desemboca na auto prescrição de hormônios, sem avaliação laboratorial e acompanhamento médico, no uso abusivo de silicone industrial, quando transformam seus corpos ou ainda pelo atendimento preconceituoso e excludente no serviço de saúde.

Do mesmo modo, a ausência de estudos sobre a saúde mental das trans e seus processos desejantes, nada têm contribuído para a promoção do bem estar bio-psico-social e político destas pessoas, muitas vezes orientadas por classificações ultrapassadas e completamente desconectadas da realidade. A construção da estética corporal se torna uma urgência para as pessoas que de alguma forma se transformam em travestis metamorfoseando seus corpos na busca da expressão de uma estética feminina.

O que surpreende é que diante de tantos riscos e de tantas incertezas, as pessoas candidatas a travestis que pretendem transformar seus corpos são movidas por um desejo intempestivo resistente a qualquer tipo de racionalização, mesmo porque, é através do corpo que são experimentadas as sensações de prazer e dor. Trata-se de uma exigência urgente para que essas pessoas possam se sentir satisfeitas e felizes consigo próprias, e essa urgência é, muitas vezes traduzidas na busca ilimitada pela beleza, ainda que com todos os riscos possíveis.

Muitas problematizações têm sido construídas a respeito do corpo, porem temos nos apropriado das conceituações propostas, pela teoria *queer*, em especial, aquela inspirada em Michel Foucault, que com sua filosofia pensa o corpo como resultado da materialização dos discursos reguladores e disciplinares.

Em Foucault, o corpo não pode ser tomado como algo terminado, mas como uma materialidade provisória, mutante e mutável, vulnerável às mais diversas formas de intervenções, sejam elas, científicas, tecnológicas, e/ou eclesiásticas, classificando que o corpo não é universal e absoluto, mas plástico, flexível, relacional, portanto, produzido através de sua socialização e coletividade.

Para entender o processo de materialização dos corpos, buscamos o conceito de dispositivo, em que afirma que antes de tudo se trata de um emaranhado de linhas diferentes que não delimitam, seguem direções, traçando processos em desequilíbrio, que as vezes se aproximam e em outras vezes se afastam entre si. Cada linha se quebra em seu trajeto para se submeter à variação de sentidos que se bifurcam se engalham e se submetem a derivações. (DERRIDA, Gramatologia, 2004, p. 32)

Esse modo de composição que se efetiva pelos lineamentos define o corpo como dispositivo, onde essas linhas são definidas como duras flexíveis e de fuga, e estão presentes na composição dos sujeitos, dos indivíduos, dos grupos, enfim de toda sociedade rejeitando valores, significados, e discursos presentes no contexto sócio-histórico e cultural em que se processam os modos de subjetivação e, em consequência, dos saberes e poderes engendrados nesses modos de produção da sexualidade.

Há várias formas de compreender as diferenças na sexualidade. No âmbito da ciência, a mais conhecida visa associar as vivências de desigualdades e injustiças que caracterizam grupos socialmente marcados como inferiores, como anormais ou abjetos. As minorias étnico-raciais, de gênero e sexuais explicitam maneiras tão diversas de vivências da diferença que tornam patente o fato de que ainda que sejam mais ou menos relacionadas. Assim, cada diferença denota uma forma particular de opressão.

Para traçar as conexões entre saberes e práticas que formam essa rede invisível que proporciona as formas contemporâneas de regulação da vida social, as *queer* incorporam o método desconstrutivo de Jaques Derrida. O objetivo era explicitar os processos que criam sujeitos normais, adaptados, em suma, hegemônicos apenas, também sujeitos ilegítimos rotulados como anormais e colocados na margem social. Em outras palavras, foi essencial para o desenvolvimento da teoria *queer* o conceito de suplementaridade criado por Derrida. Segundo ele, nossa linguagem

opera em binarismo de forma que o hegemônico só se constrói em uma oposição necessária a algo inferiorizado e subordinado.¹⁰

Assim em um exemplo como às *queer*, a heterossexualidade só existe em oposição a homossexualidade compreendida como seu negativo inferior e abjeto. Ainda que não expressa, a homossexualidade e o outro sem o qual o hegemônico não se constitui nem tem como descrever a si próprio. (MISKOLCI, 2007. pp. 101-128)

A heteronormatividade expressa as perspectivas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade. Na heteronormatividade implica-se que a heterossexualidade é compulsória. Como um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, a heteronormatividade marca até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. A heteronormatividade patenteia a díade ativo/passivo dos gays, a qual toma como referência a visão hegemônica sobre uma relação sexual reprodutiva para definir papéis /posições sexuais. Assim a heteronormatividade não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar a todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade. O foco *queer* na heteronormatividade não equivale a uma defesa de sujeitos não-heterossexuais, desta corrente teórica com relação à ordem social e os pressupostos que embasam toda uma visão de mundo, práticas e até mesmo uma epistemologia. Em síntese o estudo da sexualidade na perspectiva *queer* necessariamente implica explorar os meandros da heteronormatividade, em especial a homofobia materializada em mecanismos de interdição e controle das relações amorosas e sexuais do mesmo sexo.

¹⁰ Para uma melhor compreensão da perspectiva desconstrutivista de Derrida, vale a leitura de *Gramatologia*, onde o autor francês elabora sua crítica ao pensamento binário, fundamental para a compreensão da teoria *queer*.

Nesse sentido, um olhar *queer* sobre a transexualidade implica um rompimento com qualquer lógica binária de percepção da sexualidade, sobretudo a partir de uma recusa a um dizer sobre si, uma confissão sobre si na qual os sujeitos subjetivados se produzem em mecanismos opressores. Mais do que olhar o próprio corpo e procurar defini-lo em um dispositivo heteronormativo, trata-se de perscrutar o desejo em sua vasta gama de possibilidades, recusando o que a própria ciência, a sociedade, a linguagem e a cultura intentam depositar sobre os indivíduos. Tal recusa, no seguimento da filosofia foucaultiana, se manifesta como um passo na direção da desconstrução discursiva sobre si e, conseqüentemente, na recusa a qualquer forma de olhar normalizador. Trata-se do reconhecimento do corpo como lugar de tensões, mas sobretudo de possibilidades abertas. Corpo plástico, indefinido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, I. *Foucault e a crítica do sujeito*. 2ª.ed. Curitiba: Editora UFPR, 2008

_____. *A hermenêutica do sujeito*. Curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010

DERRIDA, J. *Gramatologia*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2005.

DREYFUS, H. et RABINOW, P. Michel Foucault: *Uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010

DELEUZE, G. Foucault; tradução de Claudia Sant'Ana Martins. 1.ed. – São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. *Ética, sexualidade e política*. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução: Elisa Monteiro e Inês Aufran Dourado Barbosa. Coleção Ditos e Escritos. v. V. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006

FOUCAULT, Michel, *História da sexualidade: A vontade de saber*. V.I. Rio de Janeiro : Graal, 1988.

_____. *Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução: Abner Chiquieri. Coleção Ditos e Escritos. v. IX. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel

Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

_____. *A coragem da verdade*. Curso no Collège de France (1983-1984). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Os Anormais*, curso no Colégio de France (1974 – 1975) Ed. Wmfmartinsfontes, São Paulo, 2010.

_____. *Microfísica do poder*. 25ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012

_____. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 14.ed. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

_____. *História da Loucura*, Michel Foucault, tradução; Coelho Neto, Jose Teixeira (Teixeira Coelho), 1980.

LOURO, G. *Um corpo estranho: ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MENEZES, J. *Da vociferação dissimulada do sexo*. In: Revista Aulas. Dossiê Foucault. Organização Margareth Rago e Adilton Luís Martins. n. 3. Dezembro 2006 – Março 2007

MUCHAIL, S. *Foucault, simplesmente*. São Paulo: Loyola, 2004.

MIKOLSCI, R. *Teoria queer, um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

VEIGA NETO,A, *Foucault e a Educação*, tradução; Alfredo Veiga Neto, Ed. Autentica, 2003.